

Merkel castigada, a extrema-direita cresce

O resultado mais importante das eleições na Alemanha não é que Angela Merkel e seu partido duplo, a União Democrata-Cristã (CDU) e a CSU (União Social Cristã) da Baviera, tenham alcançado o maior número de votos, mas a punição que sofreram, com as maiores perdas desde sua fundação.

Um segundo resultado fundamental é que os sociais-democratas (SPD) também foram punidos, com os seus piores resultados desde a guerra. E como os três partidos participaram de um governo de coalizão nos últimos quatro anos, sua punição é o sinal de que muitos eleitores não são os cidadãos felizes e satisfeitos, que muitas vezes querem que acreditemos com “nunca foi melhor do que com Merkel”. Pelo contrário, estão preocupados, aborrecidos e indignados. Tão indignados que demonstraram sua rejeição aos principais partidos do sistema, aqueles que representam e defendem o status quo.

Uma terceira chave para estas eleições, a verdadeiramente alarmante, é que um oitavo dos eleitores, quase 13 por cento, descarregou sua raiva de uma forma extremamente perigosa: votar na nova Alternativa para a Alemanha (AfD), um partido cujos líderes estão divididos amplamente entre a extrema-direita racista e o racismo da extrema-direita. Com quase 80 deputados ruidosos no novo Bundestag – o seu primeiro avanço nacional – a mídia deve agora dedicar muito mais espaço a eles do que antes para cuspir sua mensagem venenosa (e a maioria da mídia tem sido mais do que generosa com eles até agora).

Este perigo é mais agudo na Saxônia, o estado mais forte da Alemanha Oriental, governado desde a unificação pela CDU conservadora. A AfD ficou em primeiro lugar com 27%, superando apenas a CDU em um décimo de ponto, sua primeira vitória do gênero em qualquer estado (a esquerda obteve 16,1%, o SPD

apenas 10,5% na Saxônia). O quadro tem sido muito semelhante em grande parte da Alemanha Oriental deprimida e discriminada e também no antigo bastião social-democrata, a região Renânia-Ruhr da Alemanha Ocidental, onde muitos trabalhadores, e ainda mais os desempregados, procuraram os inimigos do status quo – e elegeram a AfD. Em todo o lado mais homens do que mulheres.

É difícil ignorar os livros de história. Em 1928, os nazistas receberam apenas 2,6%, mas em 1930 cresceram para 18,3%. Em 1932 – em grande parte devido à depressão – eles se tornaram o partido mais forte, com mais de 30%. O que aconteceu a seguir é bem conhecido. Os acontecimentos podem precipitar-se rapidamente.

Os nazistas contavam com a insatisfação, a indignação e o anti-semitismo, dirigindo a ira popular contra os judeus e não contra os verdadeiros culpados, milionários como o Krupps ou o Deutsche Bank. Da mesma forma, a AfD está desviando a indignação das pessoas, não geralmente contra os judeus, mas contra os muçulmanos, “islamistas” e imigrantes. Estão obcecados com estes supostamente mimados “estranhos” à custa dos “bons alemães” que trabalham, e culpam Angela Merkel e os seus parceiros de coligação, os Sociais-Democratas – apesar de ambos os partidos terem recuado nestas questões e defendido cada vez mais restrições e deportações. Mas nunca suficientemente rápido para a AfD, que usa a mesma tática de antigamente, até agora com um sucesso muito semelhante. Mais de um milhão de eleitores da CDU e quase meio milhão de eleitores do SPD transferiram o seu voto no domingo para a AfD.

Há muitos outros exemplos em outras partes da Europa, mas em quase todos os continentes. O bode expiatório nos EUA é tradicionalmente afro-americano, mas também latino, e agora – como na Europa – muçulmanos, “islamistas” e imigrantes. As tentativas de contrariar estas táticas com contra-campanhas de medo e ódio contra russos, norte-coreanos ou iranianos apenas pioram as coisas – e muito mais perigosas, quando se trata de

países com uma enorme potência militar e armas nucleares. No entanto, as semelhanças são alarmantes. E na Europa, a Alemanha, com exceção das armas nucleares, é o país mais forte.

Não havia alternativas melhores do que a AfD para os adversários “manterem o rumo”? Os Democratas Livres, um grupo de mandarins educados, quase exclusivamente ligados ao grande capital, conseguiram uma forte recuperação quando o colapso os ameaçou, com um satisfatório 10,7%, mas não por seus slogans sem sentido ou seu inteligente líder sem princípios, mas por não terem participado da coalizão governamental.

Nem os Verdes nem o Die Linke (A Esquerda). Ao contrário dos dois principais partidos, ambos melhoraram os seus resultados em relação a 2013 – mas apenas 0,5% dos Verdes e 0,6% da Esquerda, o que é melhor do que perder votos, mas foram duas grandes decepções. Os Verdes, com a sua tendência para projetar uma imagem cada vez mais próspera, intelectual e profissional, não ofereceram qualquer ruptura significativa com o sistema.

A Esquerda, apesar das contínuas críticas dos meios de comunicação, deveria ter tido uma grande vantagem. Eles se opuseram à impopular coalizão nacional e defenderam um programa combativo em muitos temas: a retirada das tropas alemãs dos locais de conflito, contra a exportação de armas para zonas de conflito (ou em geral), salários mínimos mais altos, pensões dignas e antecipadas, uma pressão fiscal real sobre os milionários e bilionários que parasitam os alemães e o mundo.

Ele lutou algumas boas lutas e, ao fazê-lo, colocou pressão positiva sobre outros partidos, temendo que a esquerda monetizasse os votos à custa do seu eleitorado. Mas ele também participou de governos de coalizão em dois estados da Alemanha Oriental e em Berlim (incluindo a liderança do estado da Turíngia). Ele tentou em vão juntar-se a outros dois. Em cada

caso ele domesticava suas demandas, evitava agitar as águas, pelo menos não muito, para que sua “respeitabilidade” não fosse questionada e pudesse deixar o canto do “desobediente” onde normalmente é punido. Em poucas ocasiões passaram das palavras à mobilização na rua, apoiando clara e decisivamente os grevistas e as pessoas ameaçadas pelas grandes demissões, ou despejos nas mãos de construtores ricos: em outras palavras, encorajando um verdadeiro desafio ao status quo doente, até mesmo quebrando as regras de tempos em tempos, não com slogans revolucionários selvagens ou vitrines quebradas e recipientes de lixo queimados, mas através de uma crescente resistência popular que oferece perspectivas confiáveis para o futuro, a curto e longo prazo. Quando isso não existe ou não é credível, especialmente na Alemanha Oriental, pessoas indignadas ou preocupadas identificaram Die Linke como mais um partido no sistema. Às vezes, a nível local ou mesmo estadual, ele se encaixa muito bem nesta imagem. A ausência quase total de candidatos da classe trabalhando em sua lista jogou um papel. Um verdadeiro programa de acção é a única resposta credível à ameaça dos racistas e fascistas. Em seu favor, eles se opuseram ao ódio aos imigrantes, embora isso lhes tenha custado muitos votos de protesto anteriores: 400.000 eleitores transferiram sua lealdade de Die Linke para a AfD.

Um consolo; em Berlim, onde participa na coligação dos governos locais, A Esquerda teve bons resultados, especialmente em Berlim Oriental, onde quatro candidatos foram reeleitos directamente e aproximaram-se mais do que nunca em dois outros distritos, enquanto grupos de esquerda militantes em Berlim Ocidental obtiveram mais votos do que nas suas tradicionais fortalezas de Berlim Oriental.

A nível nacional, os acontecimentos dramáticos estão no horizonte. Uma vez que o SPD se recusa a renovar a sua vergonhosa coligação com o duplo partido de Merkel, será obrigado, para conseguir uma maioria de assentos no Bundestag, a formar uma coligação com o FDP e com os Verdes divididos e

vacilantes. Ambos os partidos se odeiam de todo o coração, enquanto muitos afiliados verdes de base se opõem a um acordo com Merkel e o FDP. Será que os três partidos serão capazes de se unir e formar a chamada “coalizão Jamaica” – dadas as cores da bandeira daquele país, preto (CDU-CSU), amarelo (FDP) e verde (Die Grünen)? Se não, e depois? Uma vez que ninguém se aliará à extrema-direita AfD – ainda não, em todo o caso – não existe uma solução visível, ou talvez viável.

A questão mais importante, acima de tudo, é óbvia: será possível reverter a ameaça de um partido que carrega ecos de um passado horrível e está cheio de admiradores nostálgicos, que cada vez mais querem reencarnar abertamente, e estão dispostos a usar qualquer método para alcançar seus pesadelos? E será possível, como parte da derrota desta ameaça, repelir estes perigos que ameaçam a paz mundial?

Original: [Sin Permiso](#)